Um exercício de pensamento por imagem: o evento racial científico [1]

Marina FELDHUES[2]
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Este artigo trata-se de um exercício de pensar por imagens, produzindo uma imagem chamada "evento racial científico", a qual torna visível as relações entre o colonial e o racial na violência total prática contra o corpo de mulheres negras, sob justificativas científicas. Para a elaboração do artigo nos inspiramos no conceito de imagem dialética de Walter Benjamin e na apropriação que a filósofa Denise Ferreira da Silva faz desse conceito para abordar questões coloniais e raciais.

Palavras-chave: imagem; colonial; racial; mulher; científico.

1. Introdução

Pensar nas relações entre colonial, o racial e a imagem é pensar sobre aquilo que vem se repetindo no tempo, continuamente acontecendo de novo, de novo, e de novo, à exaustão. É pensar sobre os eventos raciais (SILVA, 2016). Isto é, sobre as reencenações dos roteiros de violência total sobre a carne dos escravizados de ontem e dos subalternizados racializados de hoje.

A filósofa Denise Ferreira da Silva (2007, 2016, 2019) ensina que o tempo (cronológico) não é a dimensão mais apropriada para perceber os eventos raciais. A professora de artes Diana Taylor (2013), por sua vez, nos propõem observar os roteiros de cada evento, isto é, observar os elementos, atores em cena e suas ações, inações, gestos, discursos etc. Ao observar o roteiro, podemos perceber como o outrora se atualiza no agora da nova encenação, "o roteiro ativa o novo ao conjurar o antigo" (p.92).

Pois bem, começo este artigo por meio da seleção e descrição de três eventos separados no tempo, por tanto não relacionados em termos de sequencialidade causal. Como lê-los? Inspirada no pensamento poético ou imaginação composicional proposto por Silva (2016), a partir de suas leituras de Walter Benjamin (2012, 2018), proponho a realização de uma leitura poética ou imaginativa que torne visível o que é semelhante ou

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutoranda do curso de Comunicação da UFPE, e-mail: marinafeldhues@gmail.com.

o que se repete nestes eventos, lidos como roteiros. Para, a partir da imagem dialética criada refletir sobre as questões coloniais/raciais que estão sendo expressas.

> Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura. (BENJAMIN, 2018, p.768)

Este artigo, portanto, é um exercício de pensamento por imagem. Uma imagem que possibilite ver de que modo as relações profundas entre o colonial (momento jurídico-econômico-social) e o racial (momento simbólico) são reencenadas ao longo do tempo. Sendo assim, os eventos que descrevo compõem uma imagem, a qual chamo de "evento racial científico". Antecipo que vejo nela a implicação (SILVA, 2019) entre a violência total sobre a carne[3] de mulheres racializadas, as justificativas científicas e o capital.

2. Os eventos

Em setembro de 2020, li nos jornais a denúncia, feita por uma enfermeira estadunidense, de que estava havendo casos de remoção de úteros e outros procedimentos de esterilização em mulheres imigrantes, em sua maioria latino-americanas, detidas no estado da Geórgia, nos EUA[4]. O Project South, uma organização por justiça social, possui disponível em seu *site*[5]um dossiê sobre os centros de detenção para imigrantes na Geórgia. No dossiê, podemos ler alguns depoimentos de detentos e detentas, denunciando as más condições de cuidados com saúde nesses centros, como por exemplo, a falta de pré-natal para as imigrantes gestantes.

Ao ler a notícia acima, quase imediatamente me recordo de que em junho havia sido publicado no *American Review of Political Economy* um estudo sobre o programa de esterilização em massa de mulheres racializadas em North Carolina no período de 1958 – 1960[6]. O estudo afirma que a prática eugênica era apoiada pelo Estado e se baseava no

[3] Utilizo o termo carne para ressaltar a fisicalidade do corpo.
[4] Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/16/enfermeira-relata-remocoes-de-utero-e-negligencia-em-centro-de-imigracao-nos-eua>. Acesso em 4 de outubro de 2020.
[5] Disponível em: <https://projectsouth.org/wp-content/uploads/2017/06/Imprisoned_Justice_Report-1.pdf>. Acesso em 4 de outubro de 2020.
[6] Disponível em: <https://www.arpejournal.com/wp-content/uploads/sites/2/2020/06/BreedingOutVol15No1-1.pdf>. Acesso em 4 de outubro de 2020.

pressuposto da inferioridade genética e produtiva das populações negras, afetando principalmente as mulheres assim racializadas. A esterilização dessas mulheres, tornou impossível a realização dos desejos das que, entre elas, pretendiam um dia engravidar. Foi uma violência total não só contra a carne daquelas mulheres negras, mutilando-as; mas também contra as possibilidades de futuro delas. Foi uma violência física e psíquica, espaço e temporal: uma forma de controlar o que elas podiam ou não fazer, ser e realizar em vida.

> Neste documento, consideramos que as esterilizações eugênicas em North Carolina foram feitas sob medida para atender a um objetivo específico da política eugênica - eliminar uma população excedente, indesejável, e presumivelmente geneticamente imprópria e improdutiva. Uma população excedente é vista como um excesso de população acima de uma população de pobreza sustentável em uma jurisdição política. A população pobre sustentável, pelo menos da perspectiva dos funcionários da política eugênica, poderia ser determinada pela taxa de pobreza, pois a pobreza desencadeia a demanda por gastos públicos para manter o sustento de pessoas fora da força de trabalho. Neste contexto, como estar fora da força de trabalho está associado a indivíduos que não produzem nenhum produto do mercado, a esterilização eugênica pode servir como um método para minimizar os gastos com a pobreza que mantém uma população excedente geneticamente imprópria e improdutiva, e impedir que ela transmita tais características hereditárias aos descendentes biológicos, que constituiriam um fardo no futuro. (PRICE; DARITY JR; SHARPE, 2020, t.n.)

Cerca de 150 anos antes dos eventos de North Carolina, Sarah "Saartjie" Baartman (1789 – 1815) era atração de palco em Londres e Paris, sob o pseudônimo de *Vênus* ou *Ninfa Hotentote*. “Sarah foi levada para a Inglaterra, em 1810, por um agricultor bôer da região do Cabo, África do Sul, e por um médico” (HALL, 2016, p.201). Ela se tornou famosa, não apenas como atração de espetáculo, mas também no meio científico entre naturalistas e etnólogos “que mediram, observaram, desenharam, escreveram tratados eruditos, fizeram modelos e também moldes, de cera e gesso, e analisaram cada detalhe de sua anatomia, morta e viva” (*Id*, p.203). Ela foi coisificada, fetichizada como exótica, tratada como objeto digno de estudos científicos, em virtude de sua diferença biológica e cultural em relação à mulher branca europeia[7], a norma feminina na escala simbólica de valor do sujeito ocidental. Reduzida à condição de natureza, Sarah foi:

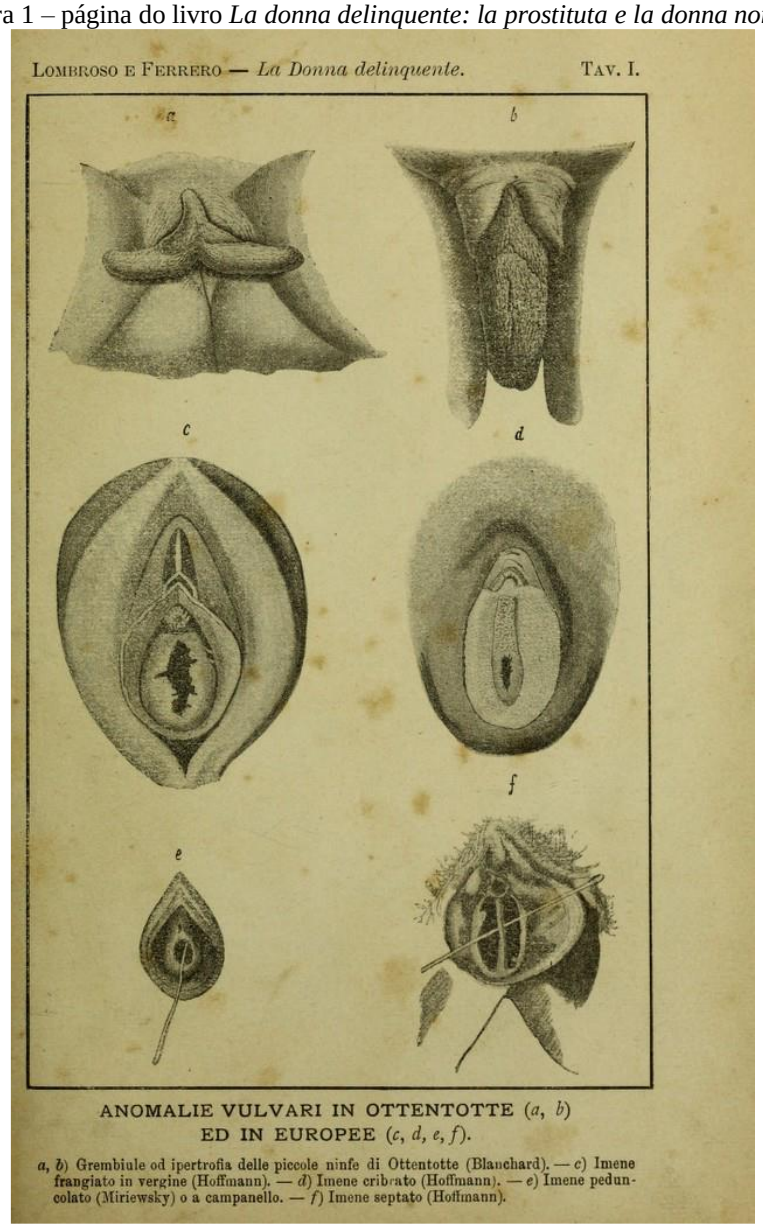
> [...] comparada aos animais selvagens, como o macaco ou o orangotango; não à cultura humana. Essa naturalização da diferença era representada, sobretudo por sua sexualidade. Ela foi reduzida a seu corpo e este, por sua vez, resumido a seus órgãos sexuais, que passaram a ser significantes essenciais de seu lugar no esquema universal das coisas. Nela natureza e cultura coincidiam [...] O que era

[7] A qual, por sua vez, é inferiorizada em relação ao homem branco europeu, o sujeito normal na escala hierárquica de valor da civilização ocidental (SILVA, 2007, 2019).

> visto como uma genitália sexual "primitiva" dava significado a seu apetite sexual "primitivo" e vice-versa. (HALL, 2016, p.204-205)

As imagens do livro *La donna delinquente: la prostituta e la donna normale* (1893) do psiquiatra, cirurgião, criminologista, antropólogo e cientista italiano Cesare Lombroso (1835-1909) atestam o descrito por Hall acima. Na *Figura 1*, página do livro de Cesare, vê-se desenhos da anatomia da genitália da Sarah. A legenda da imagem é clara quanto à leitura realizada de seu corpo pelo cientista europeu: anomalia.

Figura 1 – página do livro *La donna delinquente: la prostituta e la donna normale*



Fonte: LOMBROSO, 1893.

Observe que o criminologista não apenas compara a anatomia do órgão sexual de Sarah à uma entendida como norma, como associa aquela a um caráter moral "delinquente". A imagem produzida a partir de moldes do órgão sexual de Sarah, e

associada à legenda produz aquilo de que Mirzoeff (2011) vai nomear de visualidade: "uma prática discursiva de manipulação e regulação do real que produz efeitos materiais" (p.476). Que efeitos a associação, feita por um homem da ciência, entre a anatomia de um mulher negra (imagem) e o seu caráter (sentido) pode produzir? De que modo os eventos de North Carolina se relacionam a estes efeitos? O que farei a seguir é tentar responder a essas questões.

3. A leitura

O primeiro evento descrito, por ainda estar na fase de denúncia, não será mobilizado em nossa interpretação poética, ele é o gatilho disparador do processo de rememoração que nos trouxe aos outros dois eventos apresentados na sequência. Quanto a estes, como ler eventos tão distantes no tempo como os acontecimentos de North Carolina e o de Sarah? Observando os elementos idênticos e os semelhantes ou correspondentes.

No roteiro dos dois eventos estão presentes mulheres negras, homens da ciência, do Estado e do capital. No evento de North Carolina estão presentes mulheres afro-americanas, as quais são descendentes de sujeitos sequestrados do continente africano e, posteriormente, expropriados de sua capacidade produtiva para fins de geração de lucro para colonos/capitalistas brancos ocidentais nas Américas (SILVA, 2019). Segundo o artigo do *American Review of Political Economy*, as mulheres foram esterilizadas por serem consideradas geneticamente inferiores e improdutivas. O fato de elas serem consideradas como não geradoras de lucro para o capital, ou ainda custosas para o Estado, por serem pobres se junta à justificativa científica racista de sua inferioridade em relação à norma genética padrão, a da mulher branca ocidental.

A violência contra a carne destas mulheres negras estadunidenses dá a ver a relação implicada entre o capital, o racial e a ciência. Elas são consideradas inúteis para o capital em virtude de sua defasagem econômica. A ciência justifica que tal defasagem econômica se relaciona a sua inferioridade genética, isto é, é um problema natural. Elaborado tal argumento, o Estado permite a violência total contra elas. Os homens da ciência, médicos e cirurgiões, realizam então os procedimentos de esterilização, eliminando a possibilidade de essas mulheres gerarem vida, afinal tal vida seria igualmente inútil, já que se trata de uma "defasagem econômica genética". O valor dessas mulheres é medido na encruzilhada entre o capital e escala simbólica do corpo da mulher

branca. Noutras palavras a diferença racial biológica está profundamente implicada na condição econômica dessas mulheres negras. É nessa encruzilhada de opressões (CRENSHAW, 1993) que sua carne é violada.

Sarah, por sua vez, é trazida diretamente do continente africano para ser atração de espetáculo na Europa e, assim, gerar lucro para os capitalistas brancos ocidentais. Ela é igualmente considerada como inferior à mulher branca. O antropólogo e zoólogo alemão Johann Blumenbach (1752 – 1840) foi um dos responsáveis pela classificação dos seres humanos em raças, de acordo com a tonalidade da pele (diferença biológica) em relação estreita com aspectos morais e intelectivos. Seu livro, *On the Natural Variety of Mankind* (1775) serviu de base para a incipiente ciência da antropometria. Esta partia do pressuposto de que as diferenças (morais e intelectivas) estavam codificadas no visível do corpo humano. Tal ciência, por sua vez, serviu de base para a criminologia de Cesare Lombroso. Foi no âmbito dessas incipientes ciências que o corpo de Sarah foi invadido, fragmentado, moldado, manipulado e lido. Ela foi considerada de primitiva e selvagem à delinquente e anormal ao longo do séc. XIX. Como primitiva, à Sarah era atribuída uma existência no passado. O tempo ao qual ela era fixada se projetava sobre o espaço (de fora) de onde ela procedia, a África do Sul.

> Com o espaço e o tempo assim projetados um no outro, "ali" tornou-se "outrora", e o mais remoto (medido a parir de uma espécie de meridiano de Greenwich da civilização europeia) tornou-se o mais primitivo. Esse mapeamento do primitivo era manifestamente racista: no imaginário branco ocidental sua localização era sempre escura. Porém, ele persiste tenazmente, porque é fundamental para as narrativas da história-como-desenvolvimento e civilização-como-hierarquia. (FOSTER, 2017, p.164)

Sarah, mencionamos, teve seu corpo coisificado e fragmentado em partes colecionáveis. Tal procedimento é lido por diferentes pensadores como projeção das fantasias do sujeito homem branco ocidental que nega em si aquilo que projeta no outro por ele racializado. Fanon (2008 [1952]) fala sobre como se sentiu ao ser, como homem negro, objetivado pelo olhar do sujeito branco: "o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações...Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu" (p.103).

Para Gilmans (1985) toda a estereotipização sexual racial resulta igualmente da projeção do sujeito branco que rejeita em si o que atribui a outrem. Hall (2016) fala da fetichização do corpo, processo pelo qual este é desmontado, transformado em objeto.

"esta substituição do todo pela parte, de um sujeito pela coisa – um objeto, um órgão, uma parte do corpo – é o efeito de uma prática representacional muito importante, o fetichismo" (p.205). Este, por sua vez, envolve a realização de um desejo e ao mesmo tempo a sua negação. Foster (2017) discute sobre o problema da projeção e fala da permanência do que chama de "fantasias primitivistas" nas mentes e práticas sociais dos sujeitos ocidentais e, acrescento, ocidentalizados[8]:

> [...] essa associação entre o primitivo e o pré-histórico e/ou pré-edipiano, o outro e o inconsciente, é a fantasia primitivista. Ainda que reavaliada por Freud, segundo o qual nós neuróticos também podemos ser selvagens, ou por Bataille e Leris ou Senghor e Cesáire, segundo os quais essa alteridade é a nossa melhor parte, essa fantasia não é desconstruída. (FOSTER, 2017, p.164-165)

Além do argumento das fantasias primitivas, racistas, do imaginário do sujeito branco ocidental evidenciado na atribuição simbólica de inferioridade e na coisificação dos corpos dessas mulheres negras, gostaríamos de ressaltar mais ainda a vinculação entre o capital e o racial que estes dois eventos nos possibilitam visualizar.

A racialidade, como mencionamos ao apresentar a teoria da raça de Johann Blumenbach, é uma categoria científica produzida na Europa Pós-Iluminista e que produz efeitos até hoje. Segundo Silva (2019, p.35), ela opera na transubstancialização dos efeitos da despossessão e do acúmulo negativo de capital, fruto da expropriação/exploração da capacidade produtiva dos corpos subalternizados no sistema capitalista global em todas as suas fases (colonial, mercantil, industrial e financeiro), em defeitos naturais (intelectuais e morais) dos subalternizados que são sinalizados por diferenças biológicas visíveis (comumente chamada de diferença racial) e culturais.

É desse modo que as mulheres negras estadunidenses despossuídas economicamente, em virtude da acumulação negativa de capital intergeracional, desde que seus antepassados foram sequestrados do continente africano, são consideradas como inferiores às brancas. A relação econômica histórica de expropriação e exploração tende a ser obliterada pela racialidade. Elas são inferiores e improdutivas porque é de sua natureza, é um defeito natural. De modo similar acontece com Sarah. A relação econômica de exploração e expropriação de seu corpo para obtenção de lucro não aparece nem nos textos que focam nas projeções e fantasias do sujeito branco ocidental, isto é,

[8] Por "ocidentalizado" consideramos todos os sujeitos de regiões globais submetidas a processos de colonização, tal como o Brasil, que, em virtude de treinamento educacional, pensam o mundo a partir das regras impostas pelo pensamento moderno ocidental. De modo que tais sujeitos percebem o mundo de acordo com as regras dos colonizares, produzindo e reproduzindo o modo de existência capitalista/colonial em detrimento de si próprio, como sujeito subalternizado/racializado.

que compreendem que "primitivo", "selvagem" são termos racistas. Assim, enquanto as mulheres negras de North Carolina tiveram seus corpos violentados por serem inúteis para o capital (não geravam lucros). A violação do corpo de Sarah foi uma forma de torná-lo útil para o capital.

Nas duas situações as mulheres envolvidas se tornaram objetos da ciência. Sarah foi considerada inferior com base em diferenças biológicas visíveis e as mulheres negras estadunidenses com base em diferenças biológicas invisíveis, genéticas, mas que se manifestam no visível de seus corpos (ou seja, igualmente visíveis). As justificativas científicas aplicadas à Sarah de "primitiva, selvagem, delinquente e anormal" são atualizadas 150 anos depois, em North Carolina, para as mulheres negras de então, como "geneticamente inferiores e improdutivas". Noutras palavras, a visualidade construída para a imagem de Sarah se atualiza em North Carolina, mudam-se os termos, permanece o roteiro. Em ambos os casos, as mulheres negras foram patologizadas como naturalmente defeituosas, isto é, inscritas na afetabilidade (SILVA, 2019).

O fato de, em ambos os eventos, as mulheres serem inferiorizadas cientificamente numa escala simbólica em que a norma é o corpo da branca parece ser a justificativa da violência exercida sobre seus corpos, em sua carne. Noutras palavras, afirmar apenas que a ciência é racista e por isso essas mulheres foram violentadas é não perceber, ou até mesmo obliterar, a força ética das relações econômicas capitalistas que, em ambos os casos, autorizam a objetificação e a violência total contra essas mulheres. O que queremos apontar com isso é a eficácia da racialidade em esconder as relações econômicas que estão profundamente implicadas nas produções teóricas, na atuação do Estado e nos procedimentos de violência total realizados pelos homens da ciência em ambos os eventos, cuja leitura acabamos por realizar.

Um outro ponto que é importante ressaltar é a implicabilidade entre a violência total e a temporalidade cronológica. As mulheres negras de North Carolina tiveram a eliminação de uma possibilidade de futuro (engravidar). Sarah foi temporalmente fixa no passado (primitiva, selvagem). A nenhuma foi permitido exercer em plenitude a vida no presente. Ou seja, as vidas dessas mulheres foram determinadas externamente pelo exercício de poder de um terceiro. No primeiro caso, determinaram o futuro delas. No segundo, eliminaram o presente e o futuro, já que Sarah foi determinada, anacronicamente, como uma representante do passado e não uma contemporânea do sujeito europeu.

A flecha do tempo não funciona para sujeitos vítimas de violência racial, pois esta, como vimos, é profundamente implicada na continuidade das relações de poder coloniais que se atualizam a cada novo momento do capitalismo (SILVA,2019). Por isso, para tornar visível a reencenação de roteiro colonial/racial científico, ou simplesmente "evento racial científico", precisamos pensar contra o tempo cronológico.

4. Considerações Finais

Segundo a socióloga Silvia Rivera Cusicanqui (2006, p.4), "o passado e o futuro estão contidos no presente: a regressão ou a progressão, a repetição, ou a superação do passado estão em jogo em cada conjuntura". É no agora que se dá o embate dos tempos, que se escrutina o passado em vista de uma escolha de futuro ou de realizar aquele futuro que o passado não conseguiu. É no agora que se interrompe a flecha do tempo. Walter Benjamin (2012, Tese VI, p.243), por sua vez, afirma que "articular o passado historicamente não significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança na forma tal como ela cintila num instante de perigo".

Nesse artigo, o ler a reportagem das denúncias da enfermeira estadunidense, me apodero das lembranças que tal reportagem evocou em mim. É a partir dessas imagens da memória que dou início, no agora, a esta composição imaginativa de tempos heterogêneos que cria a imagem de um "evento racial científico". É nesta passagem entre a memória e a imaginação que interpreto tal evento como a reencenação de um roteiro de violência colonial/racial. Um imagem que nos permitiu perceber as implicações profundas entre o capital, o racial, o científico e a violência total prática contra a carne e a vida de mulheres negras.

Homens da ciência determinaram às mulheres estadunidenses e a Sarah como sujeitos patológicos por natureza, inferiores. Essas construções da mulher negra como patológica, inferior, mais próxima à natureza do que a civilização povoam o imaginário e as fantasias dos sujeitos ocidentais e dos ocidentalizados. São visualidades que produzem efeitos concretos, na carne, tais como a retirada do útero e dos ovários dessas mulheres. A naturalidade com que tal violência é cometida, contudo, é sustentada não apenas pelas fantasias e projeções do sujeito ocidental, mas pela ética das relações poder colonial/capital.

Referências bibliográficas

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Mágia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v.1).

_____. Imagens do pensamento. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. 6ª Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012a – (Obras Escolhidas v. 2).

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, v. 2.

CRENSHAW, Kimberle. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. 1993. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%AAncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>. Acesso em 4 de outubro de 2020.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Chhixinakax. Una reflexión sobre práticas y discursos colonizadores. In: YAPU, Mario (org). **Modernidad y pensamiento descolonizador**. Universidad para la Investigación Estratégica en Bolivia (U-PIEB): La Paz, 2006.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOSTER, Hall. O retorno do real: a vanguarda no final do século XX. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

GILMAN, Sander. **Difference and Pathology**. New York: Oxford University Press, 1985.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MIRZOEFF, Nicholas. The right to look. In: **Critical Inquirity**, vol.37, n.3, 2011.

PRICE, Gregory; DARITY JR, William; SHARPE, Rhonda. Did North Carolina Economically Breed-Out Blacks During its Historical Eugenic Sterilization Campaign? In: American Review of Political Economy. 28 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.arpejournal.com/wp-content/uploads/sites/2/2020/06/BreedingOutVol15No1-1.pdf>. Acesso em 4 de outubro de 2020.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Edição do autor, 2019.

_____. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. 2016. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). **Histórias afro-atlênticas**: vol.2 antologia. São Paulo: MASP, 2018.

_____. **Toward a global idea of race**. London; Minneapolis: University of Minesot Press, 2007.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.